



ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. São José do Egito, um enclave poético no sertão do Pajeú. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 185-206. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.185206>

## SÃO JOSÉ DO EGITO, UM ENCLAVE POÉTICO NO SERTÃO DO PAJEÚ

### SÃO JOSE DO EGITO, A POETICAL ENCLAVE IN THE PAJEÚ BAVKWOODS

Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE)<sup>1</sup>

**RESUMO:** São José do Egito, uma das cidades que formam o sertão do Pajeú, no Estado de Pernambuco, é conhecida como “berço imortal da poesia”; toda população vive em consonância com a essência poética, a começar pelas escolas, cujo currículo valoriza o cotidiano sertanejo através da poesia popular, uma maneira de reconhecer e dar motricidade à cultura que está em todos os cantos do município. Na urbe, é notório o aquarelamento da paisagem, belas representações, em muros, lojas, monumentos espalhados pela cidade, becos e alguns outros cantos e recantos dedicados às expressões poéticas. Diante desse contexto, pretende-se mostrar um pouco desse escondedouro poético brasileiro a partir de autores e autoras egipcenses. Ao longo da pesquisa, observou-se que a poesia vive em berço esplêndido e é protagonista na vida da cidade.

**Palavras-chave:** Poesia; Sertão do Pajeú; Identidade cultural.

**ABSTRACT:** São José do Egito, one of the cities that compose the Pajeú Backwoods, in the state of Pernambuco, is known as the "immortal birthplace of poetry", the entire population lives in consonance with this poetical essence, starting with the schools, whose curriculums value the country lifestyle through popular poetry, a way of acknowledging and giving movement to a culture that is in every corner of the city. In town, watercoloring is notorious in the landscape, with beautiful representations on walls, stores, monuments around the city, alleys and other places and elements dedicated to the poetical expressions. In face of this context, this paper aims to show a little of this brazilian poetical hideout, through authors from São José do Egito. Throughout the research, we observed that poetry lives in a splendid cradle and is the protagonist of the city life.

**Keywords:** poetry; Pajeú Backwoods; cultural identity

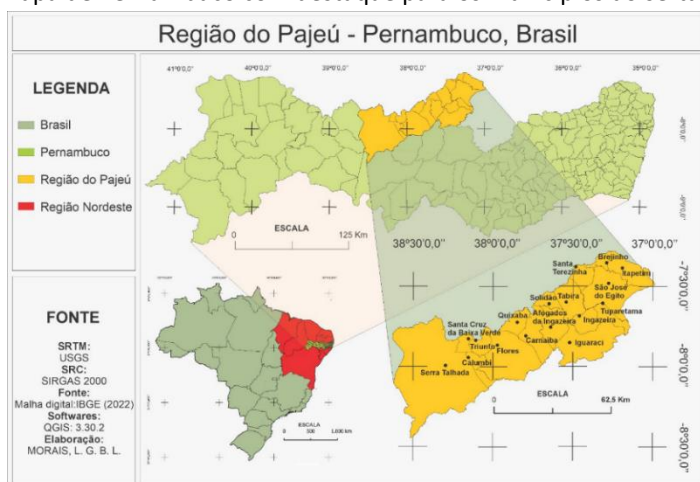
---

<sup>1</sup> Doutora em literatura e cultura. Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco na Unidade Acadêmica de Serra Talhada - UAST. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ecologia humana e gestão socioambiental PPGECO/UNEB, campus Juazeiro. Pesquisadora do Grupo de pesquisa em Linguagem e Educação GEPL, na UFRPE/UAST. Coordena o grupo de pesquisa Literatura, Estudos culturais e socioambientais (GPLECS) UFRPE. Atual presidente da Associação brasileira de Ecologia Humana (SABEH). E-mail [socorroalmeidalettras@gmail.com](mailto:socorroalmeidalettras@gmail.com)

## 1. Introdução – lenda e história do Pajeú

Localizada no Nordeste do País, a região denominada de Sertão do Pajeú é uma microrregião que está inserida na mesorregião do Sertão Pernambucano e na região semiárida do Estado. Abrange 17 municípios: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Igaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama (Fig. 1).

Fig. 1 - Mapa de Pernambuco com destaque para os municípios do sertão do Pajeú



O nome da região foi dado a partir do rio chamado pelos indígenas de *Payaú*, ou “rio do pajé”. O rio nasce no município de Brejinho, nas cercanias da Serra do Balanço, área limítrofe entre os Estados de Pernambuco/Paraíba e deságua na barragem de Itaparica no Rio São Francisco cujo nome para indígenas é rio *Opará*. Além do famoso pajé que habitou a região, um velho Frade também andou por lá e encontrou uma furna entre as pedras onde abrigava os fiéis. Dessa forma, o lugar ganhou o nome de *Piaga-Hu* (Casa do sacerdote), no nome do rio que também é o nome do lugar; a partícula Hu foi acrescentada ao nome Pajé, considerando apenas o som da vogal U e, assim, ficou a denominação toponímica que tem até hoje: Pajeú.

O rio Pajeú é um dos afluentes do São Francisco e é lembrado por Luiz Gonzaga: “Riacho do Navio/ Corre pro Pajeú/ O rio Pajeú vai despejar/ No São Francisco/ O rio São Francisco Vai bater no mei do mar” [...]. Assim como o velho Lua, muitos poetas cantam e encantam a região com a poesia que flui como as águas do rio. Desta região, extremamente rica poeticamente, destacar-se-á o município de São José do Egito, pela centralidade poético-cultural. A cidade é conhecida como berço imortal da “poesia popular” que é disciplina oficializada nas escolas públicas da cidade. Reza a lenda que há centenas de anos, uma viola foi enterrada no leito do Rio Pajeú. Desde então, quem bebeu daquela água se nutriu de essência poética. A lenda foi a forma que o povo encontrou para explicar tanto talento para a poesia naquele lugar.

O poeta Manuel Bandeira, ao conhecer a região, disse no poema “Cantadores do nordeste”: “[...] *Sai dali convencido/ Que não sou poeta não;/ Que poeta é quem inventa/ Em boa improvisação/ Como faz Dimas Batista/ E Otacilio seu irmão;/ Como faz qualquer violeiro/Bom cantador do Sertão,/ A todos os quais humilde/Mando minha saudação*” (2012, p. 83). Este poema está no livro *Estrela da tarde*, de Manuel Bandeira. Entre as cidades que estão à margem do rio Pajeú, São José do Egito ganha a alcunha de berço porque a poesia se encontra estampada em cada canto da cidade (Fig.2) .

Fig. 2 – foto de São José do Egito



Fonte: arquivo da autora

Há famílias em que todos são poetas. Para alguns estudiosos, a região foi formada por três dinastias de poetas, a primeira representada por **Antônio Marinho**, a segunda por **Rogaciano Leite** e a terceira por **Lourival Batista**, o famoso Louro do Pajeú. Esses homens, juntamente com outros poetas como João Batista de Siqueira (Cancão), uma lenda da poesia pajeusense, ajudaram a disseminar as sementes da poesia sertaneja. Gilmar Leite, natural de São José do Egito (PE), professor na Universidade Federal da Paraíba, escreveu sobre “a lenda do nome do rio Pajeú”:

Sobre a margem do rio tão lendário  
Um pajé com feitiços curandeiros  
Com as ervas tratava os guerreiros  
Demonstrando um poder imaginário.  
O pajé era um homem solidário  
Benzedor de valor e grande brio  
Feito as águas divinas do seu rio  
Que escorria nas margens pedregosas  
Dando curvas de formas engenhosas  
Que o seu leito ficava todo esguio.

Quando alguém procurava a fantasia  
Para entrar em contato com o além  
O pajé conduzia como quem  
Não voltasse do mundo da magia  
Da cabana se ouvia a sinfonia  
Da orquestra das águas entre as rochas

Recebendo o clarão em grandes tochas  
Que chegava dos ósculos lunares  
Pra tocar com fulgores velhos lares  
Feito o beijo dos lábios das cabrochas.

A cabana do mestre feiteiro  
Que ficava na margem tão curvada  
Tanto era um ponto de chegada,  
E a ida do fluxo bem maneiro.  
Sempre havia a presença do guerreiro  
Com seu corpo veloz e quase nu  
Mergulhando onde a curva faz um “U”  
Sem saber do futuro encantado  
Onde iria surgir outro reinado  
Pra brilhar no lendário Pajeú  
(LEITE, 2009, p. 2)

Em versos de um martelo agalopado, o autor narra a lenda e aponta a presença do indígena “Sempre havia a presença do guerreiro/ Com seu corpo veloz e quase nu” [...] como habitante do lugar. Vemos que, embora desrespeitados os seus direitos de crença e de vida, de terem suas práticas ancestrais massacradas pela estrutura hegemônica do capitalismo, em muitos escritos históricos ou literários, os povos indígenas se

fazem presentes como originários. Eles se sentem abençoados pelos rios assim como tentam protegê-los, envidando esforços para conservá-los como fontes divinas de vida em convívio de irmandade.

Do mesmo modo, o poema mostra o hibridismo religioso que está no cerne da cultura brasileira, vemos a mescla das crenças ancestrais dos indígenas, o uso da magia e a inserção do cristianismo, ideias que comungam com o pensamento dos pesquisadores Silva Raposo (2015) e Luciano Teixeira (2018) uma vez que, para eles, a região é formada por uma diversidade de povos e comunidades tradicionais, uma construção cultural em que o caldeamento de raças e de etnias se expressam pelas danças e músicas, pela poesia e pelos hábitos alimentares, em meio às características geográficas. Assim, o poema mostra que nossas raízes culturais estão fincadas na diversidade e por isso mesmo, todas as representações, advindo do cerne interétnico devem ser respeitadas, legitimadas e socialmente reconhecidas.

Começaremos nossas observações panorâmicas pela poesia escrita na perspectiva masculina e depois pela feminina. Não há uma intenção de separação, é apenas uma maneira de dar melhor fluência ao texto e de observar que as vozes consideradas como poesia foi primeiro a masculina, as mulheres tiveram que esperar, resistir e lutar muito para terem um lugar reconhecido na seara poética. Assim, o sentido é acompanhar o fluxo da história.

## 2. Raízes poéticas de São José do Egito

Antônio Marinho do Nascimento, Poeta popular, repentista, também conhecido como a "Águia do Sertão", nasceu a 05 de abril de 1887, no município de São José do Egito e morreu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1940. Viajou por todo Nordeste fazendo cantorias (Fig. 3).

Fig. 3 - Foto de Antônio Marinho



Fonte: blog Cordéis herdados do meu avô <https://maladeromances.blogspot.com/2017/01>.

A maioria dos versos do poeta não foram registrados, ficaram na memória do povo. Tinha como características principais, as respostas cômicas a seus oponentes e espantosa rapidez no improviso, dentre os seus poemas citamos:

## O PAÍS É UMA ROSEIRA

O País é uma roseira,  
A pobreza é a raiz;  
No trabalho é a primeira  
Na sorte a mais infeliz...  
A haste, a escadaria  
Por onde a aristocracia  
Sobe os degraus a vontade;  
Deputados, senadores,  
Desta roseira são flores  
Sem responsabilidade

A raiz desta roseira  
Está no estrume enterrada;  
Ali passa a vida inteira  
Do mundo não goza nada;  
As rosas estão em cima,  
Arejadas pelo clima,  
Cada qual quer ser mais bela  
Mais garbosa, mais feliz,  
Esquecidas da raiz  
Que vivem à custa dela  
Espinhos por guarnição

Ainda a roseira tem;  
Eis os soldados que são  
Guardas dos grandes também;  
Negam ao pobre o que é propício,  
Sujeito ao sacrifício,  
Cumpridor do seu dever  
Mas, por não ter ideal,  
Termina no lamaçal  
Uma vida sem viver...

Em seu silêncio profundo,  
O pobre é quem está de pé;  
Passando a vida no mundo  
Sem saber o mundo onde é.  
Lá solitário, sozinho,  
Foi a base do caminho  
Por onde o grande passou,  
Esquecido, em bom lugar,  
Em cima, sem perguntar  
Quem para ali o levou.

Os votos da população,  
O candidato a rogar...  
A rosa esmola, por graça,  
Água para não murchar;  
Porém depois de votados  
São para cima levados,  
Ali ficam como quem  
Subiu passo a passo, a esmo,  
Conduzidos por si mesmo  
Não devem nada a ninguém.

Proprietários da sede  
Os grandes quando não são,  
Estão como a rosa que pede  
Água pra vegetação;  
Depois de bem irrigada,  
De flores bem enfeitada,  
Deu-lhe o inverno a ação;  
Adorna num apogeu,  
Esquece de quem lhe deu,  
Água quando era verão.

(MARINHO, 2017, p. 1)

Uma das características marcantes de Marinho é o olhar inquisidor, crítico, e a linguagem marcante no sentido de ampliar o olhar do leitor em relação aos desmantelos e desmandos políticos e sociocapitalistas que comandam tudo e oprimem por meio do abuso de poder. O poeta usa em suas décimas, a metáfora da roseira para mostrar o país desde as raízes até a “rosa”<sup>2</sup> que parece não ter consciência sobre a realidade ou simplesmente a ignora em benefício próprio e conforme interesses individuais: A raiz desta roseira/Está no estrume enterrada;/Ali passa a vida inteira/Do mundo não goza nada;/As rosas estão em cima, /Arejadas pelo clima [...] (Marinho, 2017, p. 01). O poeta conheceu as dificuldades da vida sertaneja, a invisibilidade de grupos sociais excluídos; a segregação de culturas ricas e valiosas como a poesia popular. Assim, a poesia de Marinho inspirou muitos dos seus seguidores, inclusive o bisneto, Antônio Marinho, de quem falaremos adiante. Marinho tem uma “voz” marcante e com um veio político-social muito forte, ele se fez palavra para aqueles que sofrem as injustiças sociais, palavra que até hoje ecoa, pois, a sua poesia continua atualíssima.

Na viagem às raízes do berço da poesia, encontramos Lourival Batista Patriota (Fig. 4) também conhecido como Louro do Pajeú. Nasceu em São José do Egito, 6 de janeiro de 1915 — e faleceu em 5 de

---

<sup>2</sup> Pessoas egoístas, Inconscientes da realidade, alienadas entre outros.

dezembro de 1992 na mesma cidade. Considerado o rei do trocadilho, irmão de outros dois repentistas famosos (Dimas e Otacílio Batista) e genro do poeta Antônio Marinho, foi um dos grandes parceiros do paraibano Pinto do Monteiro. Sempre viveu da arte de repentista e cantador. Apresentou-se em várias partes do Brasil.

Fig. 4 - Foto. Louro do Pajeú



Fonte: <https://averdade.org.br/2015/07/lourival-batista-um-certo-louro-do-pajeu/>

As pelepas entre ele e Pinto do Monteiro se tornaram verdadeiras antologias e patrimônios da cultura nordestina. Por mais de 30 anos Lourival e Pinto do Monteiro percorreram os sítios no interior, cantando sempre de improviso, na sacada das casas a convite de um admirador(a) ou no coreto das praças. A cantoria era paga com doações dos que assistiam e depositavam dinheiro em uma bandeja. Lourival era um homem de vida simples, não tinha apego ao dinheiro e às coisas materiais. Sempre doava comida e dinheiro aos pobres, mendigos e “loucos” da cidade que, frequentemente, almoçavam na casa dele. Cantando sobre a pobreza e o valor do cantador, Louro disse: *“É muito triste ser pobre;/ para mim é um mal perene.../ trocando o ‘p’ pelo ‘n’,/ é muito alegre ser nobre;/ sendo ‘c’, é cobre / cobre, figurado, é ouro / botando o ‘t’, fica touro / como a carne e vendo a pele / o ‘t’, sem o traço, é ‘l’ / termino só sendo Louro!”*

É visível, no estilo do poeta, uma linguagem sarcástica e mordaz enquanto brinca com as palavras. É dono de um ludismo linguístico, tem um estilo leve e brincante, porém sem perder a perspectiva crítica. Suas cantorias atraíam um grande público porque, além da crítica, tinha um senso de humor que cativava o ouvinte. Certa vez, falando sobre a família, já que era casado com Helena, filha do poeta Antonio Marinho, ele cantou: *“Eu me casei com Helena / Filha de um colega teu; /E uma oitava de filhos /Lá em casa apareceu /São dez, nove fora, um /Quem anda fora sou eu.”* Fica claro que Louro primava pela alegria da poesia e achava mote em tudo que via e ouvia. Entre os poemas de Louro há, também, conexões com a perspectiva religiosa:

#### Homenagem à virgem Maria

Tu, ó Virgem soberana,  
és Rainha universal,  
casta, meiga e divinal,  
fruto de Joaquim e Ana,  
imaculada e humana,  
remédio de nosso pranto,  
estrela que e todo canto

mostra o mais puro brilho  
Filha do Pai, Mãe de Filho,  
Esposa do Espírito Santo.

Pura tu és entre as puras,  
grandes mistérios encerras,  
exemplo de santas terras,

enviada das alturas,  
consolo nas amarguras,  
alegria de nosso canto,  
a sombra que faz teu manto,  
cobre príncipe e maltrapilho.  
Filha do Pai, Mãe do Filho,  
Esposa do Espírito Santo.

Tu surgiste do primeiro  
poder perfeito e profundo,

Pra seres mãe do segundo,  
foste esposa do terceiro.  
De Ti nasceu o Cordeiro  
na gruta em pobre recanto,  
e os animais por encanto  
não te causaram empecilho.  
Filha do Pai, Mãe do Filho,  
Esposa do Espírito Santo.  
(BATISTA, 1992, p. 9)

As décimas trazem uma homenagem à virgem Maria e revela a forma como a fé cristã católica apresenta a figura da Mãe de Jesus. O poeta abre espaço para o catolicismo popular muito forte no Nordeste e a figura emblemática de Maria como a intercessora dos fracos e oprimidos. Abaixo, alguns motes pagos pelo autor sempre com leveza e bom humor:

**(Louro, "pagando" mote D=Cf. Urbano Lima).**

Senti das paixões abalos  
E desesperos medonhos  
Sonhos, sonhos e mais sonhos  
Sem jamais realizá-los  
Na frente senti os halos  
Das auras da juventude  
Mas nunca tive a virtude  
De dormir entre dois seios  
Não amores sonhei-os  
Mas possuí-los não pude.

**(Louro "pagando" o mote do poeta Raimundo Asfora. D=Cf. Urbano Lima)**

Sua vida inda está boa  
A minha é que está ruim  
A sua está no princípio  
A minha está bem no fim  
Estou perto de estar longe  
De quem está perto de mim

(BATISTA, 2004, p. 1)

Ainda no caminho da poesia egípcia, Rogaciano Leite (Fig. 5) é um nome muito importante. Nasceu em 01 de julho de 1920, na Fazenda Cacimba Nova, em São José do Egito - PE. Saiu de casa aos 15 anos para distribuir sua poesia pelo Brasil. Formou-se em Letras Clássicas em 1949. Além de brilhante poeta e jornalista, foi locutor, radialista, repórter, cronista, cantor, compositor, promotor de eventos, pesquisador e escritor.

Fig. 5 - foto do poeta Rogaciano Leite



Fonte: <https://www.nossapoesia.com/autor/rogaciano-leite/>

Poeta versátil em todos os estilos a que se propôs poetar, um excelente improvisador. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 07/10/1969, vítima de infarto. Fez várias matérias jornalísticas, chamando atenção para os problemas sociais, foi vencedor de três prêmios ESSO de jornalismo. O livro mais conhecido é *Carne e Alma*. Rogaciano é autor de várias composições musicais a exemplo de “Cabelos Cor de Prata”, “Recado”, “Cantar e Sorrir”, “A Volta de Maringá” e promoveu Congressos de Cantadores por todo país. O nome dele ressoa em praças, ruas, avenidas, escolas, centros culturais, academias de cordéis, cantorias e rimas de poetas. É reconhecido como jornalista, como acadêmico, e pela memória daqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Tem uma estátua de corpo inteiro na praça Rogaciano Leite, em São José do Egito (PE). Entre seus poemas cita-se:

### **Aos Críticos**

Senhores críticos, basta!  
Deixa-me passar sem pejo,  
Que o trovador sertanejo  
Vai seu “pinho” dedilhar...  
Eu sou da terra onde as almas  
São todas de cantadores:  
— Sou do Pajeú das Flores —  
Tenho razão de cantar!

Não sou um Manuel Bandeira,  
Drummond, nem Jorge de Lima;  
Não espereis obra-prima  
Deste matuto plebeu!...  
Eles cantam suas praias,  
Palácios de porcelana,  
Eu canto a roça, a cabana,  
Canto o sertão... que ele é meu!

Pede, ó lira inexpressiva,  
(Antes que o tempo te empoeire)  
Piedade a Gilberto Freyre,  
Lins do Rêgo e Álvaro Lins!  
Carpeaux! Rachel! Milliet!  
Ó donos de suplementos!  
Tolerai, por uns momentos,  
Cem folhas de versos ruins!  
[...]  
Finalmente, este volume  
De tão fraca ressonância  
Tanto tem risos da infância  
Quanto guerra, fome e amor...  
Numa palavra, senhores,  
O livro que vos entrego  
É como saco de cego:  
— Tem feijão de toda cor!  
(LEITE, 1950, p. 1)

Os quadros de Rogaciano Leite mostram o ufanismo e orgulho do poeta pajeusense que foi gerado na terra fertilizada pela poesia e que se alimentou do embevecimento plácido de sua verve poética. O poeta se amiúda perante os mestres ao tempo em que expressa sua genialidade. Defende seu espaço e sua essência enquanto pede para que a crítica literária deixe de lado a arrogância e o preconceito, para ver o que realmente contém o canto e encanto poético. Diz que a poesia não tem naturalidade ou academia, tem verso e reverso dos que nasceram com o dom de expressar, por meio de versos, as belezas e as adversidades, o momento e a história, o externo e o intrínseco. Mostra que a poesia não tem hierarquia, tem valor.

Continuando a trajetória poética, encontramos Gregório Filó (Fig. 6) que nasceu em 13 de fevereiro de 1944, no sítio Cachoeira, São José do Egito. É considerado andarilho e um versejador de olhar crítico no que condiz aos aspectos políticos. O poeta é filho do agricultor e poeta José Filomeno e de Teresa Maria de Jesus e os filhos de Gregório também são versejadores.



Fig. 6 - Foto de Gragório Filó



Fonte:

[https://www.bing.com/images/search?q=greg%  
938A422&form=IQFRBA&first=1&disoverlay=1](https://www.bing.com/images/search?q=greg%c3%b3rio+fil%c3%b3&id=320A7224326F2042AFB63AC09EE06C32B938A422&form=IQFRBA&first=1&disoverlay=1)

Filó tenta explicar, didaticamente, o fenômeno poético que caracteriza e engrandece as regiões do Pajeú, de Pernambuco e do Cariri paraibano, lançando teorias, explicando as origens, citando os grandes nomes do passado e do presente. É um poeta que busca preservar a história e a cultura sertanejas e valorizar a arte poética egipiciense:

#### **O poeta**

É o vate um divagador eterno  
Fazer crônicas da vida é o seu negócio  
Sonha amor se solstício a equinócio  
Primavera, verão, outono, inverno  
Único ser que consegue ser moderno  
Antiquado, irreal e verdadeiro  
Mesmo sendo das artes pioneiro  
Muitas vezes não sai o anonimato  
"O poeta não pinta autorretrato  
Canta o riso e a dor do mundo inteiro"

Um ator que interpreta fato e sonho  
E enfatiza o que escreve e o que diz  
Sendo mote de amor, canta feliz  
Vindo um tema de dor, glosa tristonho.  
Do assunto vibrante ao enfadonho  
Não se nega a rimar todo um roteiro  
Não se empolga se ganha um bom dinheiro  
Nem se zanga se tudo sai barato  
"O poeta não pinta autorretrato  
Canta o riso e a dor do mundo inteiro".  
(FILÓ, 2019, p.1)

Por meio de um meta-poema em forma de martelo, Gragório Filó apresenta a arte, o valor, o desprendimento do poeta das coisas materiais. Mostra que a poesia não é egoísta e que o bom poeta não se rende à ilusória fama passageira. As ideias de Filó remetem ao pensamento de Silva quando diz que a arte popular: "É aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na particularidade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico" (SILVA, 1988, p. 116-117). O poeta dá de si ao momento criativo, ri e chora, aceita os motes com dedicação e entrega o melhor de si para não perder a rima. Filó é cantador e a fertilidade que dá vida a sua arte nasce tal qual a terra de onde brota versos e versejadores.

### 3. As novas gerações

A poesia de homens e mulheres das novas gerações ecoam Brasil afora, a poesia popular ocupa cada vez mais espaço e o sertão do Pajeú mostra, com garra, orgulho e por muitas vias de comunicação, a poesia que flui da terra, do ar, das águas do rio e do coração de todos que habitam esse chão. Antônio Marinho do Nascimento (Fig. 7) é diretor de Cultura Popular do Minc. Foi gerado por uma família de poetas, nasceu em 15 de julho de 1987, em São José do Egito e carrega um nome de envergadura, é bisneto de Antônio Marinho, neto de Lourival Batista (Louro do Pajeú), e filho de Zeto e Bia Marinho, poetas e cantadores do cancionero nordestino. Antônio Marinho traz, no sangue, no coração e no talento, a poesia impregnada de versatilidade e beleza. Fez o primeiro recital aos três anos, aos seis escreveu o primeiro poema e aos 16 lançou o primeiro livro. Ele é músico, cantor, poeta e palestrante e já apresentou seus argumentos poéticos e culturais para muitos públicos Brasil afora.

Fig. 7 - Foto de Antônio Marinho do Nascimento



Fonte: [http://antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/pernambuco/Antonio\\_Marinho\\_do\\_Nascimento.html](http://antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/Antonio_Marinho_do_Nascimento.html)

Em 2015, Marinho participou do Pernambouc Quartet, projeto com turnês (2015 e 2017) na França e recebeu o OCCORA, importante prêmio musical Europeu. Atuou no cinema e na televisão, como entrevistador, produtor e ator. É vocalista de um grupo musical, poeta declamador, pesquisador, compositor. É presidente do Instituto Lourival Batista, entidade destinada à salvaguarda da obra do seu avô e à realização de ações culturais na cidade de São José do Egito.

#### **Ariano Suassuna, ministro das relações exteriores do meu reino**

Nas fronteiras além do meu Nordeste  
Somos madeira que ninguém destrói  
Nem serra corta, nem o cupim rói  
Esta cultura de "cabras da peste"  
É preciso porém que alguém proteste  
E defenda este canto sobre-humano  
Decretando um "estado" soberano  
Onde o pinho é o símbolo ARMORIAL  
Garantindo a meu povo um pedestal  
E pra isso nós temos Ariano.

(MARINHO, 2003, p.1)

#### **Decreto batendo o martelo...**

Meus senhores de letras e de anéis  
Por favor me escutem um minuto  
E observem um momento este matuto  
La da terra das feiras de cordéis  
Onde a voz dos poetas menestréis  
Tem a luz do improviso sobre-humano  
Canta a dor, a tristeza, o desengano  
Mas também canta o belo, a alegria  
Canta a noite com a lua, o sol com o dia  
Nos dez pés de martelo alagoano

São José do Egito é sem igual  
Terra mágica que encanta o pajeú

No sertão que inspirou Zezé Lulu  
E o frequente trocar de Lourival  
De Canção é a terra original  
E de Job o poeta mais humano  
Que no pé-de-parede mano a mano  
Foram todos uns grandes campeões  
De um duelo ilustrado de emoções  
Nos dez pés de martelo alagoano

Um decreto por nos foi assinado  
Onde diz que quem nasce neste chão

Se não escreve ou improvisa algum quadrão  
Tem que ter pelo menos decorado  
Algum verso que foi improvisado  
Por Marinho que foi nosso decano  
Ou saber algo de Rogaciano  
Pra se um dia um amor for pelos ares  
Tomar uma dizendo "SE VOLTARES"  
Nos dez pés de martelo alagoano  
(MARINHO, 2003, p.1)

No primeiro poema, o autor defende a arte sertaneja e aproveita a deixa para homenagear aquele que foi um dos maiores defensores da arte popular: Ariano Suassuna, criador do movimento armorial. No segundo poema, em um belíssimo martelo alagoano, há uma saudação aos poetas sertanejos, em particular os agipcienses, os grandes nomes que deixaram seu legado na história da arte popular do sertão e em nome dos quais, o autor pede licença para impunhar sua bandeira.

Continuando a história, um dos grandes nomes da jovem poesia egipciense é o poeta Vinícius Gregório (Fig 8). Seu estilo apresenta características problematizadoras do espaço político-social. Escreve em variadas formas, sonetos (sua forma preferida), sextilhas, sete pés entre outras. *Alma Impressa*, segundo livro do autor, é uma compilação dos versos prediletos que ele escreveu nos últimos 13 anos, direcionando cada parte da obra para um determinado tema: "A minha inspiração é diversa, eu não tenho tema preferido, eu sempre falo do que eu tenho vontade de falar. Quando resolvi reunir meus versos priorizei dividi-los, a intenção foi fazer de cada capítulo um novo livro" (Gregório, 2018, s/p). Uma das partes do livro é dedicada a poetas que o inspiraram: "Eu tenho uma grande admiração por todos que citei. São pessoas que, eu me sinto necessidade de homenagear em algum momento da minha vida, como é o caso de Dedé Monteiro" (Gregório, 2018, s/p).

Fig. 8 - Foto de Vinícius Gregório



Fonte: <https://www.bing.com/images/search?q=vin%3adcius+greg%3b3rio+poeta+do+paje%3%ba&id>

Entre a variedade temática, uma das características do jovem poeta é o meta-poema, a exemplo de "Cacimba de versos" em que compara a cacimba – símbolo de esperança e de vida para os sertanejos que cavam a terra para que de suas profundezas brote a água – com a cacimba de poesia, pois, quanto

mais profundo o poeta for dentro de si, mais autêntico e belo será o seu verso. Assim como a água brota do das profundezas da terra, a poesia brota do cerne da alma:

### **Cacimba de versos**

A cacimba, pra mim, é o que descreve  
A esperança que no sertão deságua.  
(quanto mais cava a terra mais vem água,  
Quanto mais tira a água, a água “revê”)  
No sertão, quem tem uma vive leve  
Por saber que estão, nela, submersos  
Sofrimentos dos climas tão perversos  
E as mazelas da falta da garoa...  
Se cacimba com água já é boa  
Imagine uma dela só de versos.

Então cave bem fundo nesta mina,  
Passe as folhas sem medo até o fim,  
Pois a mina de versos que há em mim,  
Vem de veia poética nordestina...  
Quando um dia notar sua rotina  
Cada vez de alegria mais escassa,  
Não se iluda com goles de cachaça.  
Contra a dor que, por vezes, nos estampa  
Venha aqui na cacimba e abra a tampa,  
Beba um gole de versos, que ela passa!  
(GREGÓRIO, 2016, p. 36)

Vinícius não se furta ao contexto político-social do país nem de apontar as desigualdades e injustiças geradas pela má distribuição de renda que atende aos interesses capitalistas. O poema “Puxador de carroça” (abaixo) mostra essas perspectivas, através do personagem José, ao tempo em que chama atenção para os milhares de ‘José’s’ que estão espalhados e invisibilizados pelo Brasil e, particularmente, no Nordeste brasileiro.

### **Puxador de carroça**

Lá vem José, puxando aquela joça  
De sofrimento e muito papelão...  
Os pés descalços, duros como chão,  
E seu suor nas rugas que se empoçam  
Solto na rua e preso na carroça  
Feita de ferro quente como brasa  
Zé é mais um pássaro sem asa  
Neto do acaso, primo do atraso  
Irmão da dor e filho do descaso  
Pai do inocente que tem fome em casa!  
  
Mas lá vem Zé, driblando o seu tormento  
Na contramão da via e do progresso,  
Mais um dos muitos que não tem sucesso  
Não tem descanso por um só momento.  
Um ser humano que virou “jumento”  
E tira o pão do lixo da cidade...  
Zé que tem sonho e luta com vontade,  
Zé da favela, Zé deste Brasil,  
Que trata assim, de forma tão viril  
Os filhos seus de maior necessidade.

[...] Mas Zé seguiu e logo mais à frente,  
Ficou feliz, viu muito papelão,  
Encheu seu carro e foi na contramão...  
E lá vai Zé, feliz e reluzente,  
Um caminhão que vinha displicente,  
Bateu em Zé, que então chorou de dor,  
Em pouco tempo a dor virou topor,  
Fechou os olhos, deu adeus à vida,  
Pois desta vez foi forte esta batida...  
E lá vai Zé pros braços do senhor

Mas quem pensou que Zé vai se acabar,  
Já se enganou, pois Zé deixou, de herança,  
Uma carroça ao filho “inda” criança,  
Que como o pai, vai ter que trabalhar...  
Por ironia, o filho vai levar  
O mesmo nome e a mesma condição.  
Outro José na eterna sucessão,  
Na mesma vida, na mesma carroça...  
E lá vai Zé puxando aquela joça  
De sofrimento e muito papelão...  
(GREGÓRIO, 2016, p. 38)

Em perspectiva político-social, o poema traz as agruras de muitos “netos do acaso e filhos do descaso”. Aponta para única herança que pessoas como Zé deixam para seus filhos, uma triste vida de labuta em que esses herdeiros vão ter que lutar muito para tentar mudar a realidade e o destino que lhes é imposto. Assim, o poema mostra que o José representa os Fabianos, os joões da Silva, os Severinos, o

José drummondiano<sup>3</sup> que ainda estão espalhados por aí nas periferias, centro urbanos e nos interiores dos estados, protagonizando a vida e a “morte severina”.

#### 4. Vozes das mulheres egipcenses

A poesia no sertão do Pajeú também tem rosto, voz e versos femininos e tem a influência de mulheres que deixaram seu legado, mesmo numa época em que o machismo na poesia popular era predominante e silenciava a voz de mulheres cujo talento era excepcional. Severina Branca, Mocinha de Passira, Celeste Vidal, Clene Valadares, Luzia Batista, Dulce Lima, Rafaelzinha são apenas alguns nomes da poesia feminina do Pajeú que abriram espaço nas alas masculinas da poesia. Podemos observar um exemplo da experiência de vida e do extraordinário talento de Severina Branca (Fig. 9), um dos nomes exaltados pelas poetisas mais jovens do Pajeú.

Fig. 9 - foto de Severina Branca



Fonte: Severina Branca em criação de Mariana de Matos - <https://revistacontinente.com.br/edicoes/238/vem-ver-o-vento-que-e-o-verso-das-poetas-do-pajeu>

Nas mesas de glosas, o nome de Severina Branca ecoa, sua história de vida assemelha-se a um conto de romancero. Antes de descobrir as alegrias e possibilidades da vida, ela descobriu a cara feia e seca de uma vida sem possibilidades que a levou à prostituição. Severina usa o mote de sua vida para versejar, além de expressar um lado poético em cumplicidade com os outros seres da natureza. Uma mulher valente que lutou para resistir ao vazio de uma vivência inóspita a que foi levada e que foi cantada e superada pelo dom da poesia que transbordava de si, que ia além do seu corpo “manchado” pela hipocrisia de uma sociedade desigual e cruel. A poetisa teve uma “vida severina” e se tornou um nome lendário e uma expressão poética de alto valor no sertão do Pajeú:

Se eu pudesse não via  
um canário na prisão  
É de cortar coração  
quando ele canta mêo dia  
Quando é de noite ele chia  
sentindo o cheiro das pranta

---

<sup>3</sup> Nos referimos às obras *Vidas Secas* (romance de Graciliano Ramos), *Luto pela Família Silva* (crônica de Rubem Braga), *Morte e vida severina* (poema de João Cabral de Melo Neto) e ao poema “José” (Carlos Drummond Andrade).

Tempera sua garganta  
canta sem tá com vontade  
E pra matar a saudade  
um passarim preso canta  
(BRANCA, 2019, em *Mundo Novo*)

Severina canta a vida triste do pássaro preso ao tempo em que se percebe a cumplicidade do eu poético com a ave triste e que cumpre a sina da solidão, da prisão, uma vez que, no caso humano, pode-se estar preso mesmo estando em “liberdade”, já que a sociedade tem várias artimanhas de aprisionamento de um ser. A vida de Severina a prendeu em um lado considerado como o submundo no qual a sociedade coloca invisibilizados, ocultados, silenciados, rejeitados. Desse lugar de fala é que soa a voz de uma poeta que deixa o seu grito de liberdade, a capacidade e beleza dos seus versos e o exemplo de insubordinação e resistência.

Natural de São José do Egito, a jovem poetisa Mariana Teles (Fig. 10) é filha do Patrono do Repente e da Cantoria de Viola em Pernambuco, Valdir Teles. Ela usa a poesia para enaltecer a cultura sertaneja: “Meus versos reúnem costumes de um povo... que nasceu na sobra de um Sertão valente” (2015, p.2). E reforça: “Nasci no Sertão do Pajeú, lugar onde a poesia jorra com muita facilidade, lugar em que os Poetas do Repente cospem versos com uma precisão incrível” (2015, p. 2).

Fig. 10 – Foto Mariana Teles



Fonte: <https://www.folhape.com.br/cultura/video-a-poesia-popular-e-feminina-de-mariana-teles/47851/#:~:text=Mariana%20Teles%2>

Toca a brisa da noite no portão  
O cabelo se assanha com o vento  
O balanço da rede em movimento  
E um rádio tocando uma canção  
A saudade arranhando um coração  
E a dúvida de um sempre, ou nunca mais  
Uma lágrima caindo e o vento faz  
Se espalhar pela face entristecida  
Eu na rua buscando achar saída  
Pra tristeza que a tua falta traz.

Faço um verso, misturo com aguardente  
Um cinzeiro com as cinzas do veneno  
Numa noite sem lua me enveneno  
Por não ter o clarão do céu presente  
O espelho espelhando em minha frente  
A metade de um todo que foi nosso amor

Eu procuro não ver, mas tem um troço  
Pra abrir os meus olhos quando fecho  
Sem ter sono, inquieta me remexo  
Que dormir sem você, sei que não posso.

Vem o vento, tocar-me bem mais forte  
O relógio passando sem medida  
Ao meu lado, um copo de bebida  
Refletindo o futuro: que é a morte ...  
Nele afogo o desgosto, já que a sorte  
Resolveu repartir nossa união  
Te guiando pra outra direção  
E deixando meus olhos sem os teus...  
De lembrança, restou o teu adeus  
E a saudade entupindo o coração.  
(TELES, 2015, p. 2)

A voz feminina ecoa como um alento de luz, calor e sentimento. Dos versos de Teles reluz a incompletude da saudade, o desassossego da solidão e o vazio do olhar sem a presença do ser amado. As décimas de Teles espalham versos cúmplices do infortúnio do amor findado. Ela fecha a última décima, aludindo, fenomenologicamente, à saudade no sentido do que causa a dor da ausência e a sensação de um eu em agonia. É a primariedade da expressão ainda em composição da sensação de uma saudade.

No universo feminino da poesia, contamos com Bia Marinho (Fig. 11) e a geografia íntima:

Fig. 11 - Foto de Bia Marinho



Fonte: <https://ritmomelodia.mus.br/entrevistas/bia-marinho/>

Filha mais nova de Louro do Pajeú, Bia Marinho também canta sua geografia íntima e diz: “Não seria jamais a cantora que sou, se não fosse de onde sou. Canto o dia a dia. O palco é apenas a tradução das amizades, do repente. Da poesia de Louro” (2021, p. 1). Bia se casou com o músico Zeto, falecido em 2002, fato que fez com que ela se reinventasse musicalmente. “Antes, eu achava que poesia era apenas ritmada e metrificada. Zeto trouxe a poesia de Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Melo para minha vida” (2021, p. 1).

Para ela, o fato de ter nascido em uma família de poetas que “vivem para e de poesia” foi sorte e sina: “oportunidade de ter minha base reforçada e fortalecida para saber enfrentar os preconceitos”. Ela observa, ainda, que muitas mulheres dos anos 1940, 1950 e 1960 foram desencorajadas a mostrar sua arte. “Então, acredito que muitas não tinham estrutura emocional para enfrentar tanto peso. Sem deixar de registrar, claro, que tivemos muitas poetisas guerreiras, destemidas, que sempre fizeram de sua arte arma e com ela derrubaram muitas barreiras.” Quanto à poesia, Bia diz:

Eu escrevo mais dentro dos estilos do repente, mas também dou uma passeada por outros terreiros. O verso (linha) da minha poesia tem o tamanho necessário para que o recado seja dado. Eu tanto escrevo em sextilhas, sétimas, décimas, decassílabos, soneto, poesia livre ... como, no meu caso de intérprete, também canto forró, frevo, eu amo interpretar uma canção, uma cantiga brejeira. Canto tudo que me alcança a alma.” (MARINHO, 2021, p. 1)

Entre os poemas de Bia, podemos citar os versos a seguir:



### A Cura

Uma chuva de saudade me molhou  
Uma onda de lembranças me tocou  
Eu me deitei na praia do passado  
E vi ao meu lado o teu corpo rei  
Tentei tocar teu corpo ali deitado  
Tinha sonhado, então acordei

Venha sonhar esse sonho comigo  
Traz teu corpo abrigo  
Pra eu me sentir bem  
(MARINHO, 2021, p. 1)

Vem saciar a sede desse fogo  
Vem jogar meu jogo  
Diz pra mim que vem

Tô te esperando, vem trazer a cura  
Pra minha loucura que é essa paixão  
Quero de novo ter prazer contigo  
Traz teu corpo abrigo pro meu coração

Poema com características subversivas de versos insubordinados com métrica diversificada. Mostra a saudade do convívio com alguém e a dor que resiste. Uma dor que atinge o corpo e a mente e que faz o eu poético, em confissão, pedir de volta esse amor. A poesia de Bia é voz resistente daquelas que estão acostumadas às lutas e labutas das adversidades e das surpresas do destino. Bia canta e encanta, empresta sua voz à expressão da música e da poesia, foi parida pela poesia e geradora de poetas a exemplo de Antônio Marinho Nascimento. A sua alma nutrida pela essência do Pajeú e animada pelo talento familiar dá-lhe unicidade e, ao mesmo tempo, um verso liberto das amarras patriarcais e das convenções conservadoras.

Nessa seara poética, também contamos com Francisca Araújo - Improviso é coisa de mulher (Fig. 12).

Fig. 12 - Foto de Francisca Araújo



Fonte: <https://apoesc.blogspot.com/2017/10/belissimos-sonetos-de-francisca-araujo.html>

Em uma reunião de poetas, embora atualmente já se veja mudanças, ainda é rara a presença feminina. Em um desses eventos estavam sentados quatro poetas, um coordenador e apenas uma poeta, Francisca Araújo, uma jovem escritora, cantora e glosadora de talento extraordinário. Na mesa de glosas que tinha como modalidade a poesia oral de improviso, fez-se, como de praxe, o momento do silêncio para a comunicação do mote (dois versos que devem fechar o poema de todos os glosadores, geralmente composto por 10 versos) no caso em apreço, o mote passado é “A balança da justiça/ nunca pesa o que devia”. Há alguns minutos para que o poeta se familiarizar com o mote e montar a estratégia poética.



Nesse momento, Francisca, em profundo silêncio, escava-se para encontrar os versos. Por fim, pronta para declamar, fica de pé, segura o microfone e declama:

Por hora condena e prende  
Sem dar direito à defesa  
E para o rumo da incerteza  
Tem muitas vezes que perde  
Com isso por certo ofende  
A nossa democracia  
Usando de covardia  
Finda tornando-se omissa  
A balança da justiça  
Nunca pesa o que devia  
(ARAÚJO, 2020, p.1)

Francisca fez o primeiro poema aos 14 anos, ela pouco conhecia sobre regras métricas e estruturas de estrofes. Ela é dos poucos casos em que não há poetas na família, se fez autodidata da poesia, estudou e uniu o conhecimento adquirido ao talento que lhe era latente. Francisca Araújo toca o projeto *Clube de Cordel*, um clube de literatura popular que objetiva diminuir a discrepância entre a literatura dita clássica e a literatura popular. A décima apresentada mostra o olhar atento ao mundo de injustiças e de justiças feitas de modo parcial e, muitas vezes, sem escrúpulos, pois a balança da justiça, na verdade, tem sempre um lado mais pesado.

Uma voz bastante conhecida atualmente, no Pajeú, é a de Isabelly Moreira (Fig. 13), chamada carinhosamente de Belinha, é poeta e declamadora.

Fig. 12 - Foto de Isabelly Moreira



Fonte: <https://www.bing.com/search?q=poetisa+Isabelli+moreira&q&gs=n&form=QBRE&sp=-1&ghc=1&lq=0&pq=poetisa+isabelli+moreira&sc=10->

Nascida em São José do Egito, ela diz que “mais importante do que fazer poesia, é saber ouvir a poesia” (Moreira, 2020, p.1). Ela é integrante do projeto *As severinas* que já existe há dez anos e diz: “Nós, aqui no Pajeú, aprendemos desde cedo a aplaudir os nossos, a ler os nossos, a abraçar os nossos poetas na rua” (2020, p.1). Ela fala do poder de construir uma narrativa própria, da importância do respeito e da construção de memória dos povos, dos problemas estruturais relacionados aos habitantes da periferia e do interior, e da inferiorização da cultura “popular”. É Formada em Direito e chama atenção de mulheres para a vida e para a arte. Reconhece a importância de manter-se conectada às raízes da poesia do Pajeú.

Isabelly alimenta a si e às poetas ao seu redor com um afiado discurso feminista, é uma das vozes fortes e enfáticas da nova geração de poetas e ajuda na derrubada dos blocos formados ao redor da poesia feminina, como se vê nos versos a seguir:

Nós mulheres morremos todo dia  
Pelas mãos de maridos, namorados.  
O jornal sanguinário anuncia:  
Mortes, mortas, destinos desgraçados.  
Uma ossada encontrada num terreno;  
Um pulmão perfurado leva um dreno;  
Na cintura: uma faca dele, nela;  
Os sinais de defesa em cada mão,  
Ironia cruel da criação  
Quando a fêmea fratura uma costela  
Justo nela? Do elo em criatura!

Sim. O barro que faz é o que enterra  
E o homem que beija é o que tortura  
E que tenta explicar da vez que erra  
Joga a culpa pra ela e para o ciúme  
Culpar vítima aqui virou costume.  
Sinto nojo da frase de um carrasco  
Que vomita jargão de um bem eterno  
E o que foi paraíso vira inferno  
Se a palavra do amor se torna asco.  
(MOREIRA, 2023)

“Belinha”, como é carinhosamente chamada, diz que é preciso “Fazer da poesia um amplificador da voz feminina, é poder afirmar que a arte também é política e que as poetisas avançam nesse contexto” (2020, p. 105). Vemos que o poema acima traz um grito por justiça e pelo direito da mulher de ser, de estar e de viver. Uma mulher não é propriedade de ninguém, pois o matrimônio simboliza uma união, uma cumplicidade e não uma certidão de propriedade. Portanto, é necessário educar as crianças para que não se gerem novos assassinos de mulheres por acharem que elas não têm direito a escolher o modo de viver. A poetisa se faz voz dos direitos da mulher de ser e de estar no mundo.

Anaíra Mahin e Clene (Figs. 14 e 15) também fazem parte do arcabouço poético do lugar:

Fig. 14 - foto de Anaíra Mahin



Fig. 15 - Clene



Fontes:

Observatório Literário: Anaíra Mahin

Clenice Vieira teve forte atuação em movimentos políticos nos anos 1970 - Foto: Acervo familiar/Divulgação

De São José do Egito, graduada em Ciências Sociais, também em Artes Cênicas e Plásticas, além ser arteterapeuta, Anaíra é poeta, palhaça, compõe músicas e pinta. Por isso não é fácil enquadrá-la em uma linha de arte, é mais fácil compreendê-la como um multitalento e/ou quando conhecemos a história de Clene, sua mãe, de quem ela fala:

Essa escrita libertária dela, e toda a experiência e narrativas que me deixou nessa vida, não tem como não ser. Desse modo também as influências dela me chegaram, sejam as da poesia popular, nas quais São Jose do Egito se fazia e se faz permear, mas também as referências mundiais, com o crivo do olhar feminista, africanista, ecológico, enfim, das bandeiras que ela empunhava. Fui me encontrando em algumas literaturas e muita coisa me emociona, principalmente as escritas por mulheres; mas têm muitos homens sabedores também, que chegam a arrancar esse choro transcendente. Tem muita gente boa viva e próxima, compondo, escrevendo, glosando, cantando. (ANAÍRA apud VASCONCELOS, 2020, p. 2)

Anaíra é considerada multiartista por tantos talentos que expressa, é tributária de grande valor para cultura nordestina. É poeta de insubmissos versos, quebra com as tradições e contradições do conservadorismo opressor, especialmente no sentido machista, seara em que a poesia popular ficou limitada por tanto tempo. Alguns aspectos do estilo de Anaíra podem ser vistos no poema a seguir:

ovo ovo ovo  
vale de ovos  
vivos ovos  
maturando dentro

uivos, calos  
meus cavalos  
segurá-los  
mastigando fenos

leites leites leites  
humanos azeites  
penas e deleites  
gomas e unguentos  
gentes gentes gentes  
buliçosas gentes  
novas e crescentes  
procurando centros

chuvas e serenos  
pejos obscenos  
porcos lameados

natureza bruta  
bolsa rota enxuta  
rotas esgarçadas  
(ANAÍRA, 2016, p. 14)

Em meio a repetições, anáforas, aliterações em redondilha menor, o poema vai se desenvolvendo e envolvendo o leitor, brincando e dançando como se a geração, nascimento e vida fossem um jogo de eventos naturais e, ao mesmo tempo, lúdico. A metáfora de tudo que se torna vida humana.

De acordo com Vasconcelos (2020), Maria Clenice Viana Valadares, nasceu em 1946, poeta, professora, capoeirista, artista, ativista, membro-fundadora do PT em Pernambuco e integrante do movimento de Mulheres de Pernambuco, dentre outras atividades. Durante a ditadura militar foi exilada e passou por 32 países. “Ela contava que, na ditadura, vivia com medo de ser exposta. Tinha uma mecha branca no cabelo que cortava, e pintava para não ser reconhecida”, relata Anaíra. Nesse contexto, Vasconcelos completa:

Ela era realmente a pessoa mais sabida que eu já conheci, falava um bocado de línguas. Lia vários livros ao mesmo tempo. Aqui em casa, já no fim da vida, leu um monte de livro que eu nunca tinha lido. Era muito leitora, escreveu comentários nos livros que lia. Os livros pelos quais ela passou ficaram marcados, porque ela deixava as opiniões escritas, não se continha, nada passava batido para ela”, rememora a filha. Clene faleceu em 2019 que seu primeiro livro publicado, organizado por Anaíra e um grupo de amigas, “Ela contava muito das andanças e da dimensão política dos exílios que viveu e a escrita dela traz isso. No entanto, por esse anonimato que entendia necessário e pelos fluxos geográficos, grande parte dessa obra se perdeu (VASCONCELOS, 2020, p.1)

Anaíra e Clene são poetisas que destoam da tradição da poesia rimada e metrificada, como várias outras da região, também mergulham em versos livres e bebem de influências diversas, numa liberdade subversiva da tradição: “Nos cordéis que faço, sempre misturo sextilhas, décimas, oitavas, sétimas, para que tenham mais nuances no texto. Normalmente são textos que coloco em cena. Eu acho que é boa essa mistura e acho que cada vez mais isso vem ocorrendo” (ANAÍRA apud VASCONCELOS, 2020, p.1).

## 5. Considerações finais

Falar da poesia no Sertão do Pajeú não é uma tarefa fácil uma vez que a poesia pulula em todos os espaços e famílias compostas, em sua maioria, de poetisas. Sendo assim, fizemos um recorte nesse quadro poético para falar de São José do Egito. No entanto, é importante observar que em virtude da extensão do trabalho não foi possível falar de todos e muito menos açambarcar obras tão primorosas. Sendo assim, procuramos destacar alguns nomes que fizeram e fazem parte da história poética da cidade e provocar o leitor a beber mais dessas fontes.

É possível observar que o sertão do Pajeú é uma terra poeticamente fértil, que a diversidade cultural de suas raízes contribuiu para a grandeza de talentos que até hoje

preservam a história da região. Ressaltamos que depois de longa caminhada no tempo, hoje é possível presenciar mesas com poetas homens e mulheres que se unem em prol de um bem maior, a poesia. Nesse contexto, a cidade de São José do Egito é grande contribuinte por ter gerado e ainda gerar, no Estado de Pernambuco e no Brasil, grandes versejadores e versejadoras.

Ao longo da pesquisa, vê-se que, embora a poesia popular tenha ficado tanto tempo presa em versos patriarcais masculinos, as vozes femininas ecoam sertão afora com talento e grandeza. Diante do exposto, assinalamos que o assunto não é findo, apenas ensaiado e que podemos, a qualquer momento, voltar com mais afinco para nos rendermos e falarmos da “deusa dos sentimentos” mais profundamente.

### Referências

ARAÚJO, Francisca. **A balança da justiça nunca pesa o que devia**. Disponível em: [https://revistacontinente.com.br/edicoes/238/podem-as-poetas-e-poetisas-do-sertao-falarr\(2020\)](https://revistacontinente.com.br/edicoes/238/podem-as-poetas-e-poetisas-do-sertao-falarr(2020))

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da tarde**, 3ª ed. Rio de Janeiro: Global, 2012.

BATISTA, Lourival. **Homenagem à Virgem Maria**, Livro Natal pernambucano, disponível em: [http://www.antonimiranda.com.br/poesia\\_brasis/pernambuco/LOURIVAL%20BATISTA.html](http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/LOURIVAL%20BATISTA.html). Acesso em 17/01/2024.

BATISTA, Lourival. Cantando mote, in **Um Certo Louro do Pajeú (2004)**. Disponível em: [http://www.antonimiranda.com.br/poesia\\_brasis/pernambuco/LOURIVAL%20BATISTA.html](http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/LOURIVAL%20BATISTA.html).

BRANCA, Severina. *Canário na prisão*, in **revista continente**, disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/238/vem-ver-o-vento-que-e-o-verso-das-poetas-do-pajeu, 2019>.

FILÓ, Gregório. *O poeta*, disponível em: <https://cantigasecantos.blogspot.com/2019/04/poesia-o-poeta-um-poema-de-gregorio-filo.html>. 2019.

GREGÓRIO, Vinícius. **Alma Impressa**. Recife: Bargaço, 2016.

LEITE, Gilmar. **A lenda do Pajeú** in *Águas do Pajeú – poesias, declamações, fotografias e textos*. 2009. Disponível em: [https://aguasdopajeu.blogspot.com/2009/05/lenda-do-pajeu-sobre-margem-do-rio-tao\\_11.html](https://aguasdopajeu.blogspot.com/2009/05/lenda-do-pajeu-sobre-margem-do-rio-tao_11.html) acesso em 17/01/2024.

LEITE, Rogaciano. **Aos críticos**. Disponível em: <https://www.nossapoesia.com/autor/rogaciano-leite/>. Acesso em 17/01/2024.

MAHIN, Anáira. **Dicionário de mãe ebulindo**. In **Estados em poesia, antologia** – Luna Vitória (org). disponível em: [https://issuu.com/vidasecreta/docs/estados\\_em\\_poesia\\_-\\_antologia?fbclid=IwAR26KggM9G1C1EtVHgsMiinyC0Q5bJE\\_DpyL8-SHe2v3NwBBcqm\\_SNqmYYA](https://issuu.com/vidasecreta/docs/estados_em_poesia_-_antologia?fbclid=IwAR26KggM9G1C1EtVHgsMiinyC0Q5bJE_DpyL8-SHe2v3NwBBcqm_SNqmYYA). Acesso em: 20/01/2024

MARINHO, Antônio. **O país é uma roseira in mala de romances**, disponível em: <https://maladeromances.blogspot.com/2017/01/do-grande-poeta-antonio-marinho.html>. Acesso em: 17/01/2024.

MARINHO, Bia. **A cura**. Disponível em: (Bia Marinho em entrevista #TVPEnoAR. <https://www.youtube.com/watch?v=c-rIO9hCrhA> 2021)

MOREIRA, Isabelly. **A mulher na poesia do pajeú. Artes e cultura no sertão.** Disponível em: <https://vdocuments.mx/a-mulher-na-poesia-do-paje-uma-mulher-sertaneja-antes-de-ser-flor-espinho.html?page=1>. Acesso em 20/01/2024.

\_\_\_\_\_. **Cotidiana.** Poema recitado na II jornada de literatura de cordel e xilogravura. UFRPE/UAST – Serra Talhada, 2023.

MOREIRA, Isabelly. **Revista Continente**, (2020, p.1). disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/238/podem-as-poetas-e-poetisas-do-sertao-falarr>

NASCIMENTO, Antônio Marinho. **Nascimento.** Recife, PE: Bagaço, 2003.

ROCHA, Dayane. **Poema.** Disponível em: <https://cantigasecantos.blogspot.com/2014/07/um-belo-poema-da-poetisa-dayane-rocha.html>. Acesso em: 20/01/2024.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura.** 8 ed. Coimbra, 1988.

SILVA RAPOZO, Bruna Maria da. **Luta, trabalho e vida no sertão do Pajeú: Estratégias Agroecológicas Camponesas.** Anais da XI- Encontro Nacional da Anpege- A diversidade Geográfica Brasileira: Escalas e dimensões da Análise e da ação, 2015.

TEIXEIRA, Luciano. Geografia: **O espaço Rural de Pernambuco- Território Rural do Sertão do Pajeú de Pernambuco.** A Casa do Concurseiro. Disponível em: file:///F:/9162-oespaco-rural-de-pernambuco-luciano-teixeira.pdf. Acesso em: 02 Fev. 2

TELES, Mariana, **Blog cantigas e cantos** Disponível em: <https://cantigasecantos.blogspot.com/2015/02/a-poesia-de-mariana-teles.html>.

VASCONCELOS, Julia. Podem as poetas e poetisas do sertão falar? Um encontro com a poesia contemporânea de mulheres do Sertão do Pajeú in **Revista Continente.** Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/238/podem-as-poetas-e-poetisas-do-sertao-falarr> acesso em 20/01/2024.